

ESPAÇO CULTURAL ADEBANKÊ - A HISTÓRIA, A CULTURA E O TRABALHO DE ESCUTA FEITO POR MULHERES NEGRAS

Silvia Maria Pereira ¹

Orientadora: Dra. Adriana Ferreira Serafim de Oliveira

RESUMO

Este projeto estuda a experiência (Benjamin) da escuta ativa/ ancestral com o objetivo apresentar a história (aqui percebida como História Oral) de um grupo de mulheres negras que atuam na periferia de São Paulo, mais precisamente na ONG/ Espaço Cultural Adebankê, localizada embaixo de um viaduto na Zona Leste de São Paulo e que promovem um trabalho cultural e de escuta ativa junto à população participante das atividades. A partir das narrativas orais, da reflexão acerca da proposta ali executada e do referencial teórico adotado foi possível observar a importância do trabalho desenvolvido e seu impacto positivo, particularmente em tempos de pandemia (2020/2022). A intervenção acordada será um projeto midiático de memória que venha contemplar uma retrospectiva e um registro histórico da existência do Espaço Cultural Adebankê.

Palavras Chaves: Mulheres Negras; Escuta Ativa; Adebankê; Ancestralidade

¹ Especialista em Educação em Direitos Humanos



INTRODUÇÃO - PROBLEMA DO PROJETO

"Acreditamos que a cultura salva vidas" Pretas Bás

Há 10 anos o *Espaço Cultural Adebanke* existe na região do bairro de Arthur Alvim e desenvolve ações e projetos culturais para a comunidade – como a dança, teatro, música, oficinas e atividades culturais. O espaço está localizado embaixo do viaduto, espaço onde são desenvolvidas atividades múltiplas e intercâmbios com outros coletivos (saúde, povos originários, mulheres negras, manifestações artísticas) para debate, construção e diálogos socioculturais.

No contexto local, as protagonistas do espaço desenvolveram uma atividade que denominaram *Chá das Pretas Bás*, numa referência às *Iabás* da tradição ancestral das religiões de matrizes africanas.

Ao longo da Pandemia de coronavírus/ Covid-19 (de 2020 a 2022), as Pretas Bás, criaram - um trabalho de *escuta ativa e ancestral*, online, para a comunidade local, que solicitava um aconselhamento com discrição - com a legitimidade de um "confessionário" - e também com o sigilo de uma auscultação de senhoras que são conselheiras ancestrais.

Meu interesse nesse projeto é entender qual a importância desse trabalho de escuta, desenvolvido pelas Pretas Bás, para as comunidades assistidas no Espaço Cultural Adebanke. Esta escuta pode ser definida, ainda, como uma conversa individual, oferecida pelas *Pretas Bás* para a comunidade participante do espaço cultural Adebanke.

JUSTIFICATIVA

A ideia deste trabalho de intervenção a respeito das Pretas Bás, surgiu em um espaço virtual de escuta de mulheres pretas, promovidos em tempos de pandemia covid-19 (entre 2020 e 2022). Em tais encontros semanais, fazíamos uma escuta das narrativas pessoais, sob a influência da pandemia, analisando as conjunturas políticas, pessoais e sociais que nos atravessavam. Criamos, então, um grupo chamado Coletiva Sacode, um espaço de mulheres pretas que discutia tais assuntos e outros uma vez por semana -



também a escuta sobre nossas angústias, sonhos, projetos - as atividades desenvolvidas online nortearam nossos encontros. Ali conheci o trabalho desenvolvido por suas lideranças, também conhecidas na comunidade como “Pretas Bás”, que desenvolviam o trabalho de escuta ativa em contexto de ancestralidade tradicional junto a jovens, artistas e participantes das atividades socioeducativas e socioculturais desenvolvidas pelo e no Espaço Cultural Adebanke.

A partir desse contato inicial, elaborei uma breve pesquisa e algumas reflexões sobre a importância ao direito a pertença étnica, social e racial ao qual as populações negras vem sendo sistemática e historicamente suprimidas.

Este projeto estuda a experiência (Benjamin, 1994) da escuta ativa ancestral como objetivo de apresentar a história - aqui percebida como história/ narrativa oral (Meyhi e Holanda, 2018) de um grupo de mulheres - que se destacam por serem negras, pertencente a religiões de matrizes africanas, com mais de 55 anos e uma militância consolidada ao longo de 40 anos junto a causa das relações étnicas e raciais - e que atuam na periferia (Nascimento, 2020) de São Paulo, mais precisamente na ONG/ Espaço Cultural Adebanke, localizada embaixo de um viaduto na Zona Leste de São Paulo e que promovem um trabalho cultural e de escuta ativa junto à população participantes das atividades culturais.

OBJETIVOS

Objetivos e Hipóteses

Nesse sentido, este trabalho busca refletir a respeito da prática de escuta ativa de característica tradicional e ancestral das populações negras/ afro-brasileiras, em geral relacionada às religiões de matrizes africanas, porém não só exclusiva ou necessariamente. Para tanto, busca aprofundar o conhecimento das atividades desenvolvidas por este projeto e entidade, destacando o trabalho desenvolvido por suas lideranças: Graça, Angelina e Marlene, também conhecidas na comunidade como “Pretas Bás”.

Visa ainda:



- criar um produto multimídia que registre a história e memória das práticas junto às Pretas Bás, o público atendido e os colaboradores e parceiros envolvidos.
- valorizar a atuação, de modo a facilitar novas parcerias

A questão da pesquisa que eu levanto é: *Até que ponto o trabalho feito neste espaço é visto como “um bem” para a comunidade?*

HIPÓTESE

A hipótese, aqui, é que, sim, esse trabalho é tido como “um bem” - aspecto esse aqui relacionado como o valor positivo, associado a esse espaço de fala/escuta para cada pessoa que teve a oportunidade de falar/ ser ouvida sem se sentir julgada nem se sentir intimidada por ter seus segredos revelados ou expostos. Saber que, o que foi apresentado, tem um repeito e uma ética por parte das Pretas Bás no decorrer dessa atividade de escuta.

Descrevemos a seguir a metodologia e o desenvolvimento do trabalho do projeto "Chás das Pretas Bás".

ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Referenciais Teóricos

Buscamos, aqui, o aprofundamento de conceitos, categorias e aportes teóricos que orientam a trajetória desse trabalho. Esses marcos referenciais buscam servir como breve discussão teórica, abarcando algumas das principais questões e aspectos da ação cultural com a qual iremos atuar, conforme o painel abaixo.

PAINEL TEÓRICO

relações étnico Raciais no Brasil

Dignidade da pertença sistemática e
historicamente suprimidas mulheres negras militância
trabalho delas doa e compartilha



conceito de escuta ativa procedimento
ancestral
tradicionalidade afro-
brasileira a história e a
cultura
trabalho de escuta como
experiência História Oral narrativas
algumas reflexões
a importância ao direito a pertença étnica, social e
racial

Para introduzir um universo comum a todas as tendências de aqui falamos, consideramos que a História Cultural é aquele campo do saber historiográfico atravessado pela noção de "cultura", é um conceito extremamente polissêmico, notando-se ainda que ao longo do tempo foi se transformando de acordo com as necessidades históricas e espaciais.

As Questões Raciais destacam-se como aspecto fundante na sociedade brasileira. De acordo com Munanga, 2007, resvala em um histórico e sistemático processo de expropriação, exploração e desvalorização feito por parte das elites que se fundam numa matriz eurocêntrica, caucasiana (branca), cristã. Ainda hoje, buscam manter-se em condições de privilégios, uma vez que forjam historicamente as estruturas sociais a partir do sistema econômico e cultural desde a colonização até os dias de hoje, com drásticos desdobramentos nas relações interétnicas e/ou inter-raciais no território brasileiro.

Escuta ativa pode estar relacionada ao mundo corporativo, bem como ser uma ferramenta de transformação social. Segundo a Fundação Telefônica Vivo, "para além de uma habilidade de comunicação, essa competência também representa uma oportunidade de ressignificar experiências coletivas, altamente necessária em tempos de Covid-19". O processo de escuta ativa vai muito além do simples ato de ouvir. A partir de uma postura eticamente diferenciada daquele que escuta, permeia um exercício de humildade e humanidade.



Algumas reflexões perpassam ainda à importância ao direito a pertença étnica, social e racial e à dignidade impressa a participação ancestralmente dada, a qual as populações negras vêm sendo impedidas e criminalizadas.

Movimento de mulheres negras no Brasil, busca em caráter exploratório, reconstruir o legado de lutas do feminismo negro brasileiro, principalmente à partir da década de 1970, junto às organizações diversas. Podemos afirmar, segundo Santos (2020), o movimento de mulheres negras atuou e atua desafiando e questionando o feminismo hegemônico, visibilizando demandas raciais, referente a sexualidade e classe. Mulheres negras feminilizaram o movimento negro e enegreceram o movimento feminista, assim presente retoma referencial teórico, acionando às lutas históricas de mulheres negras brasileiras.

Partimos do princípio de que o saber/fazer coletivo oportunizado, simultaneamente, amplia o repertório e habilidades dos indivíduos perante a vida. Para que a experiência coletiva propicie o processo de *apropriação* é necessário que haja uma **mediação**, formal ou não, de modo que tais indivíduos desenvolvam-se como intérprete, ator, participante e minimamente produtor do conhecimento que é narrativa da própria (Nascimento, 2020).

O trabalho de Benjamin parte de uma perspectiva que atua com uma nova dicotomia de opostos que envolve **Experiência** (*Erfahrung*) e **Vivência** (*Erlebnis*). Enquanto um dos principais conceitos na obra de Benjamin, a *Experiência*, para o autor, refere-se ao

conhecimento obtido através de uma experiência acumulada que se prolonga e se desdobra como no percurso de uma viagem (*fahren*). Para ele, é ela que integra sujeitos numa comunidade, dispondo de critérios que lhes permitem ir sedimentando as coisas com o tempo (KONDER, 1989, p.72).

As formas de produção da existência no espaço urbano, cada vez mais sobrepõem vivência à experiência. Daí os aspectos do isolamento dos indivíduos na cidade, a dificuldade em se estabelecer relações de troca, a emancipação dos objetos culturais sem a ancoragem simbólica de seus usos rituais, para aumentar as possibilidades de uso de sua exposição (BENJAMIN, 1987a, p.165).



Pode-se pensar as narrativas, como resultado do processo de apropriação da experiência vivida e partilhada que, intencionalmente ou não, produziu um saber - um modo de perceber o cotidiano, de desenvolver técnicas, habilidades e novos modos de fazer. É considerada em construção a partir das representações sociais e simbólicas advindas da participação e do senso de pertença e identidade que os sujeitos estabelecem com seus múltiplos grupos (Nascimento, 2020).

METODOLOGIA

Quanto aos processos que constituíram esse trabalho acadêmico, atentamos ao conjunto de procedimentos, mecanismos de coleta e de análise de dados de um processo de investigação. Assim destacamos a pesquisa bibliográfica inicial e as referências teóricas; a busca por informações acerca do grupo pesquisado, bem como à reflexão e pesquisa acerca dos métodos e instrumentos que melhor se adequariam para esse trabalho - como é o caso da história oral, a roda de conversa, os questionários e roteiros semi-estruturados de entrevista, análise e considerações acerca das narrativas e todo o processo de construção de conhecimento ora desenvolvido e sua relação com os Direitos Humanos e processos de Educação e Intervenção.

HISTÓRIA ORAL

Segundo Meyhi e Holanda, 2018, a História Oral destaca-se como metodologia e instrumento para a compreensão de comportamentos e sensibilidade humana. Dessa forma, deve ser realizada para tecer considerações metodológicas, aproximações e diferenças, de Memória Institucional com vistas à valorização de Capital Intelectual e o fortalecimento da Cultura e Identidade nas Instituições.

Ao abordar memória, identidade e comunidade estamos frente a matérias-primas da história oral, assim como a pertença e relações étnico raciais fomentam estudos a partir das Ciências Humanas (História, Educação, Ciências Sociais). A coleta de depoimentos de pessoas, via entrevistas, narrativas e/ou rodas de conversa, centra-se no intuito de obter



relatos pessoais, testemunhos de conjunturas, processos, acontecimentos, bem como de resgate de tradições, histórias pessoais de indivíduos, acompanhamento e registro de trajetórias ao longo da existência de uma pessoa, grupo ou conjuntura social.

Pode estar dividida em três diferentes gêneros: a tradição oral, a história de vida e a história temática. A primeira constitui-se pelo testemunho oral de indivíduos de uma geração para outra, na tentativa de salvaguardar e/ou resgatar tradições rurais e urbanas. Em geral, trata-se de tradições que precedem à escrita, podendo/ ou não estar associadas a sociedades ou comunidades mais antigas que não passaram pelo processo de escrita. O segundo gênero, a história de Vida, destaca a história pessoal do indivíduo contada pelo próprio: um relato pessoal que, de uma forma geral, confecciona o trajeto de toda existência desta pessoa. Já a História Oral Temática é elaborada a partir de um grupo de pessoas envolvidas com um determinado evento, momento histórico ou movimento vivido por todos, nos quais se destacam as perspectivas individuais de sujeitos inseridos em um mesmo contexto (Rezende, 2021).

Nessa última perspectiva, ressaltamos os aspectos positivos dessa abordagem. No contexto, como o aqui conduzido, em que se utilizou de roda de conversa (online), a reunião das três informantes mostrou muito interessante, na medida em que as lembranças de uma dispararam gatilhos de memórias e detalhes melhor desenvolvidos pelos outros múltiplos olhares - Uma complementando a fala da outra.

A abordagem foi elaborada a partir de um roteiro prévio de questões disparadoras da discussão em roda de conversa. O processo como um todo, quer seja definido como entrevista ou coleta de narrativa/ depoimento corrobora com as formulações de Alberti (2004; 2005), Thompson (2002) e Zago (2003) ao inferir que "A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) do método de História Oral. Para realizá-la, não há uma única receita ou diretriz."

As entrevistas formuladas com base na perspectiva da história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de outros tipos de registros. Tais informações são tecidas a partir de um estímulo, via perguntas, roteiro de entrevistas e rodas de conversas com intuito de compreender a conjuntura que se quer investigar, durante a ocorrência ou mesmo depois do fato, circunstância ou situação ter-se



extinguido. Além disso, compõem um conjunto de "documentos biográficos", compostos pelas memórias, narrativas, relatos de saberes e autobiografias, para que se compreenda como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral a partir de suas próprias experiências e história.

Assim, podemos dizer, ainda, que as narrativas das mulheres aqui estudadas contêm uma sabedoria que auxilia a compreender melhor suas vidas, seus sonhos, suas perspectivas e o papel das políticas públicas e perspectivas socioculturais.

ENTREVISTA

As Entrevistas deram-se pela RODA DE CONVERSA, de forma coletiva E ONLINE. Inicio a entrevista me apresentando e dizendo que eu irei utilizá-la no meu TCC e qual o meu recorte e para falar de “o Chá das Pretas”, até o meu encaminhamento, dando destaque para a confidência e o lado do sigilo.

A ação social implementada ali, no espaço cultural Adebankê, reflete um espaço de pertença e acolhimento, a partir da ancestralidade em que Mulheres religiosas, que trazem o axé, são as "psicólogas" ao longo do "Chá das Pretas Bás”.

Destaco, ainda o olhar e experiência de vida representados nesse chá: Esse colo quentinho... Esse “ olhar” sem julgamento as vezes eu vejo como um confessionário, tal qual um chá que se torna na casa de uma amiga, amiga que ouve e não julga. Por vezes se assemelha a um chá sendo oferecido pela sabedoria ancestral, pra dar o que aquela pessoa precisa - exatamente.

A entrevista inicia-se com a palavra da liderança de mais idade.

Graça, 78 anos. Sua militância descreve uma trajetória de 42 anos: – *Não é fácil falar dagente... A gente tem 42 anos de luta.*

Angelina, 65 anos, uma filha, viúva e militante a 45 anos à questão social: - *Enfim eram tantas lutas que as mulheres se dividiam, a Elmira tinha um trabalho na cidade com a questão do negro - A Elmira veio no dia 28 de março, eu GrupoN., e ali a gente foi crescendo com a questão da Negritude, levando nosso trabalho.*



Marlene - *Eu sou Marlene, tenho 57 anos, nasci em Itaquera e moro nessa região desde que nasci, sou grata a meu pai e mãe, que me deram toda a bagagem que eu tenho hoje, como uma mulher negra e periférica.*

Silvia - *Como surgiu o Espaço Cultural Adebanke? Este ano completa 10 anos? Angelina sugere que Marlene conte.....*

Marlene - *O Espaço Cultural Adebanke surge de um diálogo anterior entre os cantinhos um link, os cantinhos um fruto entre a União e Consciência Negra, é um filho, porque -e um fruto da União... é um filho. queria socializar dentro desses cantinhos? nos aproximássemos desse querido Tiãozinho - região Penhintérpretes, a Solange do Babalotim e ele como Supervisor de Cultura... tinha um traçado de lugar - cada um tinha seu lugar de ação de alguns diálogos, nós fizemos algumas ações juntos, que foi até em uma Sociedade Amigos do Jardim Nordeste que é a bocha, fizemos uma ação mostrando os cantinhos da culinária, cantinho das compositoras, cantinho da arte que embeleza, sambista, cantinho da comunicação, intérpretes... compositor interpretes, cantinho para lidar com as crianças, as criações. Iniciamos com o nome Espaço Abakê uma inauguração no espaço aqui na praça Iparanã, aqui no Jardim Nordeste, que foi a organização oficial do espaço Abakê., tivemos a participação de escolas de samba.*

E aí nasce o Abakê, ele nasce nesse período e aí quando terminou tudo, estávamos muito alegre por mais essa conquista, mais no final quando terminou, a gente teve uma notícia muito delicada que o pai da Gracinha tinha acabado de falecer. Então para nós ficou uma marca muito forte, na nda pra esquecer porque foi justamente no dia do óbito do pai da Gracinha, fizemos tudo d depois seguimos para ficar com essa companheira, nesse momento delicado.

E ao espaço Cultural Abakê, foram criadas vários cantinhos como as rodas de samba, um Tributo as rodas das mulheres Negras , até que chegou o momento de nos separar do grupo Babalotim porque eles estavam com outras atividades e aí com o cuidado que nós sempre tivemos, agente n criou Abake juntos e a gente também

Eu encontrei o nome Edebanke que e um nome nigeriano no é o nome de uma mulher e que significa “DEUS ESTA CUIDANDO DELA”.

Então, a gente sempre reporta o cuidar dela e cuidar da nossa cultura e, então,



nasce o Adenbake e as mãos, os pés que eram o Abake ficaram guardadinhos e veio as mãos que representam toda essa riqueza, toda essa resistência negra que a gente luta e que vamos continuar lutando até o final de nossos dias.

Aí as Pretas decidiram oficializar legalmente o nome do espaço, no Espaço Cultural Adenbanke, somos coordenadoras desse espaço não só no dia a dia mais burocraticamente também com muita grandeza, é isso.

Angelina - *Uma das coisa que eu gostaria de lembrar aqui, Silvia, a Marlene coloca muito bem a historia*

Tem uma parte que eu gosto muito de estar relembando foi o primeiro encontro que nós fizemos no espaço Cultural Adebanke no qual nós não tínhamos fogão, não tínhamos nada ali, simplesmente cara e coragem, fizemos ...resolvemos fazer um angu com frango e foi em um domingo, quando nós chegamos no espaço, o pessoal em situação de rua estava lá, nós pedimos licença, era cinco horas da manhã para entrar no espaço, para limpar o espaço, porque nós tínhamos naquele domingo um almoço para servir. E no sábado véspera desse domingo nós trabalhamos praticamente até quase uma hora da manhã temperando frango, lavando verdura, porque sabíamos que o domingo ia ser difícil, porque nós não tínhamos nem água ali.

Então, ali começa a luta muito grande no espaço, né? No qual a gente foi passando, depois o que fazer porque depois a Solange do Babalotim, como a Marlene mesmo disse, chegou um tempo é? Ela segue o caminho dela e a gente continua e dali nós começamos ver o que a gente ia fazer o que nós poderíamos fazer para aquele espaço ali, pensamos em chá, trouxemos a percussão, que a Marlene deu a percussão, dava oficina de percussão, um curso também de serigrafia foi dado ali e dentro desses cursos, inclusive o de percussão a gente ficava ali pensando, meu Deus, vai ter só isso? Só esse grupo? E eu gosto muito de contar essa história porque é nesse momento que nasce a frase “ na baixa do viaduto também nascem flores”.

Uma olhava para a cara da outra e perguntava O que a gente vai fazer? tem mais coisa pra fazer? Cadê esse povo que não olha pra baixo do viaduto?

Nisso tinha uma mulher, uma senhorinha, uma velhinha no ponto de ônibus e ela ficou olhando a Marlene dando a oficina e eu na porta, eu fiz sinal pra ela vir tomar café



e ela entrou e ela disse “ nossa que coisa bonita esse trabalho ”

Eu disse pra ela, nós estamos muito devagar, a gente tem pouca gente, sabe? O próprio entorno não valoriza o nosso trabalho e as pessoas parecem que não olham pra baixo do viaduto, e aí ela bateu no meu ombro e disse “Calma, filha. Fique calma, porque na baixa do viaduto, também nascem flores.

E aí eu fiquei assim, sabe?

Eu corri, escrevi a frase e contei para as meninas, né? Isso virou assim, algo muito forte dentro do Espaço no qual a gente se apegou realmente: que na baixa do viaduto também nasciam flores, sim.

Angelina: - *Sobre o chá a nossa intenção do chá, nos pensamos ainda não tinha o nome “das pretas”, mas nós queríamos fazer um chá para trazer aquelas Senhoras ali do entorno, sabe? Mexer com aquelas senhoras, fazer com que elas pudessem ir pós-almoço, ao invés de assistir sessão da tarde, vir bater papo com a gente, conversar com a gente, pra gente falar da nossa vida, da saúde, sabe? Falar daquele trabalho que nós sempre fizemos, só que foi muito interessante e porque essas pessoas - essas senhoras que a gente queria tanto que viesse - não apareceriam. Quem compareceu, na verdade, foram os jovens. A juventude foi chegando, os coletivos foram chegando e pra nós foi tão forte, que a gente sentiu, assim..., E aí, "nós vamos ter que colocar mais água nesse chá, vamos ter que buscar os bolinhos".*

Acho que essa questão que você coloca do acolhimento a gente sempre fez isso e aquele chazinho, para curar a alma, e aquele chazinho de aconchego - mesmo, de colo... - e foi ali, através do chá que começou as nossas escutas também, de pessoas que vêm pra desabafar; de pessoas que querem conversar; dessa juventude, que dentro do coletivo, muitas vezes não dava pra estar conversando com o outro. Eles vinham e conversavam com a gente. Então, nesse chá saía poesia, saía as cantigas, saía as rezas, tudo, e saía os bolinhos...

Graça - *Era um bolo de fubá, era um bolo de arroz, era bolinho de chuva, esse chá era de acolher mesmo e ele foi crescendo... E um foi passando para outro... e teve momento que a sala estava cheia... e aí, a gente começou a buscar temas, pra poder estar trabalhando...e aí a gente sempre trazia temas para estar discutindo com essa*



juventude... E através disso, o chá foi ganhando vida... E através do chá, nós fomos criando outras coisas dentro do espaço, porque esses filhos foram chegando.

Aí o Douglas, um dos nossos filhos, vendo tudo isso, o nosso trabalho, o nosso acolhimento, que nós temos esse acolhimento que nos damos - independente... Eles chegavam lá, já falavam, "Nossa! Eu gosto muito desse lugar", que se sentia muito bem et al ... - começa a fazer uma filmagem e, também, além da filmagem escreve um projeto para gente: a aí nasce as "Pretas Bás". E tem também, através de uma peça teatral que nós fizemos (...) que surgiu esse projeto.

Marlene: - *Todos esses projetos, toda essa ações que vem ocorrendo lá atrás, é fruto de uma resistência sempre foi na nossa ousadia, na nossa luta de tentar fazer ate alguns movimentos culturais pra fazer cura, receitas...*

Então essa trajetória de 10 anos muitas vezes ali só as Pretas ?

E tomamos nosso chá, Graças a Deus nunca deixamos de tomar o nosso chá no espaço e o que vamos fazer? Desistimos? Vamos em frente?

Todas as vezes que a gente queria desistir chegava alguém, na fala de alguém com a necessidade de alguém mas eles passam mais, as trocas das vivências que é esse recorte... Eles ficam encantados com a nossa história, e eles trazem histórias maravilhosas, também; os mais velhos, que já passaram lá e, aí também, quando eles chegam, eles chegam sempre com alguém... filho, com alguma indicação. Então, eles chegam já respeitando as Pretas Bás e a gente ... respeita sempre o mais velho e, assim também, o mais novo e a criança também - porque eles nos ensinam, a cada dia.

Os jovens vem e vão, quando vão estreitar seus espetáculos, as suas ações, eles vem, fazem a sua pré-estreia no espaço cultural Adenbaké, pra que as Pretas dêem a benção, aí eles tomam um chazinho e está tudo certo.

Então, nos honra muito essa e não foi nada forjado, nada obrigatório. É muito espontâneo neles, esse tipo de atitude é comum, como se fosse... não é um reconhecimento, gratidão, vamos aproveitar primeiro apresentar para as mães, a gente toma a benção e eles os nosso filhos estão todos daqui a pouco eles aparecem, todos. E, aí, todos querem atenção Aí, fica aquela coisa bem maluca e saborosa - porque, graças a Deus e a todos que nos rege, não tivemos nenhum atrito com filho lá



dentro... A gente... de a gente precisar se impor, sabe?

Então, lá é um solo sagrado e um solo para os artistas e um solo que a nossa região, nosso território, a Zona Leste tem que bater no peito e dizer que a casa é dos artistas e também o que a gente oferece. Isso é ancestral, sempre um chazinho e um... sempre na representação de um bolo para que esse calor também seja degustado com muita força, com muita energia e com muito amor. ANCESTRALIDADE E A TRADIÇÃO RELIGIOSA AFRO BRASILEIRA

Silvia: - *Meninas vocês tem noção da quantidade de pessoas que participaram do chá das pretas?*

Marlene: - *Não temos essa conta, porque se você for imaginar nós fazemos 10 escutas na semana, imagine em um ano? A escuta não tem 10 anos. A escuta, ela nasceu em 2019 e veio numa intuição, eu partilhei com as irmãs, as Pretas e até a Angelina falou “será” que vai dar certo?*

Eu disse "eu vou fazer uma vez por semana, vou me doar para escuta. Eu tenho certeza disso." De que foi um anúncio que abriu um caminho dessa escuta, porque assim que nós conversamos, dialoguei com o Pedro Peo, que também tem um trabalho nessa ... e me coloquei a disposição para fazer, escutar a comunidade e as pessoas. Isso estaria de pé, eles estavam se organizando, e aí começou a pandemia. Aí eu pensei, “Meu Deus do Céu”... só que os filhos, eles já têm esse diálogo com a gente, e a partir deles eles foram divulgando essa fala pra um, fala pra outro e ao final, durante a pandemia toda, nós escutamos muita gente, fizemos muito tratamento de escuta, salvamos muitas vidas através da escuta... E encontramos e encorajamos e mostramos que é possível ainda pessoas confiáveis e sigilosas que vai levar para o túmulo abaixo.

Então, quando as pessoas vêm, elas vêm sempre indicadas por um dos filhos, ou por pessoas que nos conhecem. Aí, a escuta é um dos trabalhos muito gratificante das Pretas e que nasce, também, dessa escuta coletiva do chá, que eles partilhavam alguma coisa, quando eles queriam alguma coisa, eles falavam “mãe” - eles chamam a gente de mãe, de Preta - que queriam um aconchego mais particular. E é dali, do chá, que nascem as escutas, que a gente começa a escutar alguns e, aí, fica aquela coisa: "mas você não pode me ouvir?" E aí, não tinha não E como a gente pode falar não pra filho? Então,



a gente sempre dava um jeitinho brasileiro, a gente sempre chegava mais cedo, ou ficava até mais tarde, depois levava a gente. Enfim, a gente sempre deu um jeito, e na pandemia, a gente fez on-line com muito cuidado, e a gente sempre de fone, ouvindo horas, fazendo tratamento que duraram meses. Teve escuta que era só aquele momento de uma hora - uma hora é pouco. Tinha escuta que passava de quatro horas, tinha escuta que precisou de continuidade e escuta que era a nível nacional e a nível internacional, pessoas que estavam e outros países e que por intermédio de nossos filhos, fizeram a escuta.

Então, hoje, a escuta, ela é uma das maiores ações que a gente tem também. Só que a gente tem cuidado, sigilo, não dá visibilidade, não fica propagando, fazendo propaganda da escuta, porque a escuta é uma responsabilidade muito grande, pra quem tem a caixinha do silêncio abarrotada e a gente esvazia uma caixinha do silêncio de anos, e algum trauma, tem que ter muito cuidado com essa responsabilidade.

Somos religiosas, a gente acredita muito no respeito desse ori (que significa cabeça) sagrado, a gente respeita o ori e o ancestral de cada pessoa.

Angelina:- *trabalhamos também a escuta com o coletivo. Muitas vezes, então, nós não temos esse levantamento de quantas pessoas passaram por nós, né? Mas a gente sabe que foi muita gente. Dez pessoas por dia de 2019 pra cá. Essa é uma conta que dá pra fazer da escuta oficial, mas sempre ouvimos as pessoas; sempre que uma pessoa chegava no espaço, daqui a pouco ela começava a falar dela e com muita propriedade.*

O que nos honra muito, nos dá esse fortalecimento é o sigilo, é a obediência, respeitar a confiabilidade. As pessoas confiam na gente, graças a Deus e aos nossos amados Orixás, possam nos abençoar sempre para que a gente não decepcione nenhum Ori, não é nem a pessoa, né? É o Ori que tem dono e que esse dono dá autorização desse corpo falar para que a gente possa ouvir.

Graça – *Houve um grande crescimento entre nós e também porque a gente aprende como outro, porque a gente aprende muito por estarmos na escuta, porque é um sigilo realmente.*

Angelina – *É legal o que a Gracinha fala, porque eu acho que é isso que nos move: essa influência... E você poder deitar, colocar a sua cabeça no travesseiro e dizer “hoje eu*



consegui fazer alguma coisa, hoje eu consegui ouvir, hoje eu consegui tirar uma pessoa da depressão, do sofrimento, né”?

Então isso é muito bom e a gente costuma dizer sempre, né? Que cada pessoa que passa por ali, ela traz sangue novo para as nossas veias, traz vontade de dar continuidade, às vezes, é o que eu disse, não é fácil. Muitas vezes, a gente briga entre nós - lógico. Mas só que, entre a gente, existe essa confiança, esse tripé. Como a Marlene costuma dizer, a Gracinha... é que uma precisa da outra, não dá pra caminhar sozinha, sabe? Se tem alguma coisa, se tem um chá, se tem uma escuta se faltar uma, tá faltando algo, porque uma completa a outra dentro das falas, dentro da ação.

PROPOSTA INTERVENTIVA

Produto

Como proposta de intervenção foi combinado a elaboração de um memorial midiático acerca da entidade em celebração aos 10 anos da entidade e de todo trabalho desenvolvido.

Respeitando a sacralidade das atividades e as formas de desenvolvimentos das ações propostas pelas Pretas Bás, a ideia é reunir o máximo de informações (material já publicado, relato de experiências, depoimentos de participantes, fotos de atividades, gravações, documentários etc.) Para elaborar o registro das história, das práticas, buscando , ainda, o fortalecimento da memória das ações desenvolvidas pelo grupo, avaliação, divulgação e visibilidade de acordo com o interesse e disponibilidade das Pretas.

A forma disso se materializar é através de Mídias eletrônicas, produções midiáticas, registro e documentação de roda de conversa, narrativas, vídeo institucional a partir do trabalho desenvolvido.

RESULTADOS PARCIAIS

Para melhor conseguir elaborar minhas reflexões e, talvez, tentar separar a minha



relação com as Pretas Bás e a formulação desse trabalho, avaliei ser interessante me colocar nessa intervenção como uma pessoa que conheceu, aprendeu e escolheu fazer este registro e esta proposta de intervenção a partir da relação desse trabalho com os direitos humanos.

Assim, elaborei um registro sobre como foi o desenvolvimento da minha pesquisa para o curso de Educação em Direitos Humanos da UFABC. Eu optei pela história das mulheres que fazem parte do Espaço Cultural Adebanke. Elas são chamadas de Pretas Bás e/ou Pretas Mães Bás.

Fiz minha opção por este trabalho com as Pretas Bás considerando e refletindo acerca de:

A QUESTÃO ÉTNICO RACIAL NO BRASIL (SOCIAL, ESTRUTURAL E HISTÓRICA)

- **Conhecimento Decolonial e os saberes e fazeres ancestrais/ tradicionais**
- **Direito humano à história, à memória e à experiência da pertença étnica**

Tive, ainda como norte algumas questões e considerações implícitas:

- Como podemos encarar atuação das Pretas Bás e sua escuta ancestral?
- Como um regate sociocultural?
- Um resgate da autoestima e de construção do conhecimento? E após a pandemia, como estão acontecendo os atendimentos? E quais são as demandas nessa comunidade na atualidade?

Consideramos aqui “um bem” o valor associado a esse espaço de fala para a pessoa que teve a oportunidade de ser ouvida sem se sentir julgada, nem se sentir intimidada de ter seus segredos revelados ou expostos. Saber que o que foi apresentado tem um respeito e uma ética por parte das Pretas Bás, que tem essa atividade.

REFLEXÕES E ALGUNS APONTAMENTO

Meu relato, para encerra.



Eu conheci o trabalho que as Pretas Bás desenvolvem no coletivo que fazíamos parte. Depois de dois anos é que nós fomos realmente nos conhecer. Então, a relação de amizade foi estabelecida: tínhamos em comum ser mulher, sermos mulheres negras, estarmos discutindo a questão social e política. Eu até brincava com elas e falava que nós éramos o “saia justa das pretas” - fazendo uma analogia ao programa do GNT .

E aí, depois, foi fluindo e crescendo em minha necessidade de conhecer mais e mais o trabalho delas, assim... esse chá e essa escuta virtual, né? Esse trabalho de doação... o retorno... a ancestralidade... Elas são mulheres de axé. Todas fazem parte da religião de matriz africana e têm uma... intuição. Tem momentos, que a gente nota na fala delas, que existe uma conexão com as tradições do cristianismo, né? Umas festas cristãs que elas fazem, por exemplo tem saída da tradição que existe do Espírito Santo da Paixão de Cristo, as rezas, né? Então, é muito lindo o sincretismo que existe no Brasil, que remonta a pertença e protagonismo, que reforça a nossa resistência de todo esse processo aí.

Quando chegou o momento de se pensar em fazer o TCC, eu decidi convidá-las para fazer parte. Tive toda uma resistência, porque eu estou completamente envolvida emocionalmente com elas, né? Passamos a essa fase da pandemia juntas, uma fortalecendo as outras.

Elas, em todo momento, estão abençoando, agradecendo, saudando e isso me emociona. Por demais! ... Porque é um momento muito difícil que a humanidade está passando. E aí, pessoas assim, com tanta veracidade na fala delas, com relação a credibilidade, o que elas acreditam... Realmente que tenham tanta fé na prática, fé na fala delas para com todo mundo é de emocionar profundamente.

Então, tiveram momentos que eu fiquei achando que eu estava muito envolvida e que talvez eu não conseguisse fazer um trabalho de qualidade/ neutralidade, com o distanciamento necessário.

Marcamos a entrevista. Eu tinha um roteiro de questões disparadoras para seguir e, apesar de tudo – dos meus medos e anseios - eu achei que a entrevista foi bem. Elas iniciaram contando a trajetória delas individual e depois elas falaram como cada uma se encontrou com as outras e o momento da vida ela se encontraram. Esses aspectos ticaram aparte desse trabalho, assim como os 40 e Poucos Anos de militância na área social e



política que as três já viveam.

Concentrei-me no projeto do Espaço Cultural Adebanke e seus 10 anos de idade tinha voltado para a questão da cultura do resgate da Cultura. A entrevista fluiu.

Eu avalio que porque elas têm uma conexão especial. Eu acho que tiveram momento que quando falam, uma complementa fala da outra - já é uma dinâmica delas. Então quando uma está entrando numa história, não é combinado, mas flui entre elas... Quando uma está contando uma história, chega num momento que a outra entra e quando a outra termina, fala a outra entra e assim parece ... me parecia o tecer de uma trança - quando a mão de uma virava, vem a mão de outra e virava, depois vem a mão de outra virava... e assim consecutivamente.

Tiveram momentos que eu senti - e aí eu acho que a minha... talvez a minha experiência, né? mas eu sentia a necessidade de fazer alguma pergunta, mas eu não me sentia no direito de interromper ela fala e tentei me manter firme, tentei confinar a emoção para dar sequência ao trabalho. Avalio que é muito bom você ouvir as três mulheres que você conhece a todo momento agradecendo por terem sido convidadas, dizendo que era um prazer, uma honra participar do seu trabalho e abençoando, e elevando a Deus tem uma força imensa. Essa gratidão remete às minhas próprias percepções: porque elas me viram entrar na UFABC; me abençoaram e agora estão participando da finalização desse trabalho, falando de pertença – a minha pertença, também.

Tiveram momentos na cabeça que eu falava, assim: “meu Deus, é uma Universidade Federal... tem preta, lá? Não sei se eu vou conseguir...” E aí uma delas me dizia: “não, você é capaz! Você vai conseguir!” E eu ainda duvidava “mas o curso é online. Não sei se a gente vai conseguir se ver, todo mundo tá ansioso para se encontrar mas essa pandemia que não termina...” e aí elas falam “não... Você vai conseguir, porque você é capaz e você tá aí no curso é porque o universo conspirou, você é competente...”

O material obtido é extremamente rico. Eu fiz um recorte da entrevista, mas a quantidade de material produzido me fez pensar na possibilidade de outras ou outros voos no futuro nesse caminho da história oral, da cultura

Essa cultura ancestral é resgate e perpetuação que se faz imprescindível quanto as culturas africanas e indígenas. É coisa de contar as histórias. Eu me senti... eu estou me



sentindo que é possível pensar no futuro, tentar fazer um mestrado nessa linha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta intervenção estuda a experiência da escuta ativa e ancestral, apresentando parte da história, memória e aspectos ligados a pertença étnica e racial, numa perspectiva que repensa as relações de dominação – daí a decolonialidade implícita na própria ação desenvolvida pelo grupo. São mulheres negras que atuam na periferia de São Paulo, desenvolveram um Espaço Cultural (o Adebankê), que aproxima-se dos jovens pela ancestralidade, promovem o trabalho cultural e trazem, a partir das narrativas orais, uma reflexão acerca da realidade vivida, via escuta ativa, afetiva e ancestral proposta ali e executada em seu cotidiano. Apresenta, assim, um referencial de humanidade, de luta e de resistência destacando sua importância e seu impacto positivo, particularmente em tempos de pandemia (2020/2022).

Como resultado, temos a honra do desenvolvimento de uma intervenção acordada na forma de um projeto midiático de memória que vem contemplar uma retrospectiva e um registro histórico da existência do Espaço Cultural Adebankê.

*Quem são essas mulheres negras? Elas são as Pretas Bás
Que oferecem na baixa do viaduto, cultura arte e cháChá? Mas para quem?
Quem vai tomar o chá?*

*Eu vou tomar o chá e vou dançar ciranda Eu vou tomar o chá e vou dançar xaxado Eu
vou tomar o chá e vou dançar o samba Eu vou tomar o chá e vou chamar você Pra
dançar comigo e também rezar, cantar e ganhar a benção das Pretas Bás Nossas mães,
nossas Iabás.*

*E elas chegam, na baixa do viaduto Acreditam que vão mudar o mundo Sabem abençoar
Sabem rezar Sabem orientar Sabem aconselhar.*

Sisvia Maria Pereira, 2022.

BIBLIOGRAFIA

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2022 – Formatação para TCC, Monografia e Artigos. Loderina/PR. Disponível



em <https://tccmonografiaseartigos.com.br/regras-normas-formatacao-tcc-monografias-artigos-abnt/>. Acesso em 10/06/2022.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011

BENJAMIN, W. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação** (M. V. Mazzari, Trad.). São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política** (S. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Obras escolhidas II: Rua de mão única** (R. R. Torres Filho & J. C. M. Barbosa, Trans.). São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL Lei Orgânica da Assistência Social - [Lei Nº 8.742, de](#) 1993.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. Ano/vol. 16, número 002, 2003. Universidade do Minho. Braga, Portugal. pp. 221-236. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1IH7x1zRBeiL99SeO64v6Qa19DRnxACm/view>

COUTINHO, K. Introdução de TCC: o que é, como fazer e modelos prontos para usar. 13 de julho de 2021. Disponível em <https://www.tuacarreira.com/introducao-de-tcc/#:~:text=A%20introdu%C3%A7%C3%A3o%20do%20TCC%20%C3%A9,que%20vem%20nas%20pr%C3%B3ximas%20p%C3%A1ginas>. Acesso em 12/03/2022.

FISCHMANN, Roseli. “Educação, Direitos Humanos, Tolerância e Paz.” Paidéia. São Paulo: USP, vol. 11, n. 20, 2001, p. 67-77. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paideia/issue/view/3820>. Acesso em: .

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GAIÃO, C. R. Desmistificando deficiência de doença: um esclarecimento emergencial nos primeiros anos da educação básica. Projeto de Intervenção EDH/UFABC, 2018.



KERSTEN, I. M., A Constituição do Brasil e os Direitos Humanos. Rio Grande (RS): Âmbito Jurídico, v. 22, 2005, p. 339.

KONDER, L. Walter Benjamin: o Marxismo da Melancolia Ed. /campus, 1988.

MONDAINI, Marco. Direitos Humanos no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013

MEDRADO, Aline S. Leite e LIMA, Ricardo B. Interdisciplinaridade como necessidade de articulação dos conhecimentos no campo dos Direitos Humanos. Aracê–Direitos Humanos em Revista, v.2, n.2. Maio 2015. Disponível em: <http://arace.emnuvens.com.br/arace/article/view/27>. Acesso em .

MEYHI, José Carlos S.B. e HOLANDA, Fabíola Historia Oral, Como fazer, Como Pensar . São Paulo, Editora Contexto, 2018.

MUNANGA, Kabengele. (Org). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: MEC/Secad. 1999.

NASCIMENTO, Roseli M. L. Juventudes Vidas e Trajetórias (Tese) Universidade Presbiteriana Mackenzie, /São Paulo, 2020. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/27854>

PORTAL Memórias Reveladas. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.gov.br/>.

REIS, A. S. e FROTA, M. G. C. Guia básico para a elaboração do projeto de pesquisa. PPGCi/UFMG. S/d. Disponível em

<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/06a.pdf> . Acesso em 10/03/2022.

REZENDE, E. *História Oral*. 2021 - Disponível em: <https://eliana-rezende.com.br/historia-oral-o-que-e-para-que-serve-como-se-faz/>

SANTHIAGO, Ricardo. “Palavras no tempo e no espaço: A gravação e o texto de história oral.” IN ALMEIDA. Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SANTOS, S. P. Movimento de Mulheres Negras no Brasil: Rompendo com os silenciamentos e protagonizando vozes. Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 1–22, 2020. DOI: 10.35699/2525-8036.2020.24506. Disponível em:



<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revive/article/view/24506>. Acesso em: 16 jun. 2022

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p. 73 -102.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível

m

<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12/03/2022.

UNOESC VIRTUAL. Apostila de Metodologia Científica: Unidades 3 e 4. Chapecó/SC, S/d.

Disponível

em:

<https://drive.google.com/file/d/1y7DXJbNI6fM1tFbcToelTE1MvHOEITym/view>.

Jornal "Empoderado, a voz dos invisíveis" - <https://jornalempoderado.com.br/33484-2/>

UFABC. Guia de normalização de trabalhos acadêmicos: ABNT, VANCOUVER, IEEE / Elaborado por Ana Letícia Olímpio da Silva David... [et al.] — Santo André, SP; São Bernardo do Campo, SP : Sistema de Bibliotecas da UFABC, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1sWsSKdcJWZ_pLLrFOppBg3ROUrytUya/view?usp=sharing.

ESCUTA ATIVA

<https://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/escuta-ativa-uma-ferramenta-de-transformacao-social/>

